

DIREITOS HUMANOS

Comissária da ONU critica os russos

Moscou - A alta comissária das Nações Unidas para Direitos Humanos, a irlandesa Mary Robinson, criticou ontem asperamente o governo russo pelos abusos dos militares na Chechênia e não conseguiu entrevistar-se com o presidente eleito do país, Vladimir Putin, apesar de ter encaminhado uma solicitação oficial nesse sentido.

Robinson chegou ontem a Moscou depois de uma visita ao território checheno, onde não obteve autorização das forças russas para ir a campos de detenção acusados de torturar prisioneiros de guerra e três vilarejos bombardeados pelos russos nos últimos dois meses.

O porta-voz do Kremlin para assuntos da Chechênia, Serguei Yastrjembski, disse à agência de notícias russa Itar-Tass que Putin não tinha planos de reunir-se com ela. "Estou muito preocupada quanto à escala e seriedade das denúncias", disse Robinson. "A Rússia faz parte do Conselho da Europa e, como um membro muito importante das Nações Unidas, assumiu obrigações internacionais no que se refere à legislação sobre direitos humanos e humanitarismo."

Ela ainda manifestou sua

preocupação com a precária situação em que estão vivendo os moradores da devastada capital chechena, Grozny. Robinson disse aos repórteres que ouviu relatos "horripilantes" de atrocidades do exército contra civis. Os representantes dos países integrantes do conselho vão reunir-se em assembléia na quinta-feira para decidir se suspendem a Rússia de seu quadro, dada a gravidade dos fatos na Chechênia. A entidade supervisora a aplicação das leis de defesa dos direitos humanos no continente europeu.

Ao tomar conhecimento dos comentários de Robinson, o representante da presidência russa para Direitos Humanos na Chechênia, Vladimir Kalamanov, mostrou-se indignado e disse que, antes do retorno dos dois de Grozny, ela não lhe expressou suas críticas. "Como podemos cooperar mais se, aqui, desculpem-me a linguagem grosseira, há uma mentira?", disse ele à imprensa. Kalamanov disse ter feito de tudo para permitir o acesso de Robinson à população e alegou que por "motivos de segurança" ela não pôde visitar os lugares que desejava.